

PROPOSTA CURRICULAR

DA

ESCOLA INDÍGENA TAPIRAPÉ

ALDEIA TAPIRAPÉ

SANTA TEREZINHA

MATO GROSSO

autores: Luiz e Eunice Barreira de Paula
Equipe Indigenista da Prefeitura de São Félix - MT
= 1988 =

ÍNDICE

1 - HISTÓRICO DO POVO TAPIRAPÉ	1
2 - A NECESSIDADE DA ESCOLA	2
3 - A PROPOSTA CURRICULAR DA ESCOLA	4
3.1 - Diretrizes Gerais	4
3.2 - Organização da Escola	10
3.3 - Organização Didática	10
3.4 - Organização do Corpo Docente e do Corpo Discente . . .	13
3.5 - Quanto à Direção da Escola	13
3.6 - Os Componentes Curriculares	14
3.7 - Tópicos Abordados	25
3.8 - Metas a Serem Atingidas	30
4 - CITAÇÕES E FONTES DE CONSULTA	35
ANEXO I	
ANEXO II	
ANEXO III.	

Os Tapirapé, povo indígena de língua tupi, viviam no início deste século na cabeceira do rio Tapirapé. Sua população era, segundo Waugley, de aproximadamente, 1.500 pessoas, constituindo 5 aldeias. (1)

Há notícias de contatos com elementos da sociedade envolvente acontecidos por volta de 1910. Esses contatos dão-se inicialmente com expedições (a procura de seringais, caçadores, aventureiros, etc.) e com missionários (católicos e outros). Estes contatos, esporádicos a princípio, intensificam-se pelo ano de 1940, com a chegada de criadores de gado que se estabelecem nas margens do rio Tapirapé. (2)

Vítimas de sucessivas epidemias (gripe, sarampo, varíola, etc.) advindas desses contatos, os Tapirapé sofrem um intenso processo de depopulação, tornando-se mais vulneráveis aos ataques de seus inimigos, os Kaiapó. Um desses ataques causou a dispersão do grupo em 1947. Os sobreviventes reduzidos a apenas 57 pessoas, foram reunidos somente em 1950, próximos a foz do rio Tapirapé, sob a proteção do SPI.

Nessa nova localização entram em contato direto com os vizinhos Karajá e com a sociedade envolvente.

Em 1954 surge a primeira Companhia Imobiliária na região, a CIVA. (3). A partir de 1964 grandes companhias agropecuárias começam a se instalar na região. Os Tapirapé veem seu território imemorial ser rapidamente ocupado. As Companhias Codeara, Porto Velho e Tapiraguaiá particularmente, vão confinando-os num espaço reduzidíssimo.

Em anexo I, segue o mapa com o território tradicional Tapirapé e o atualmente ocupado (aproximadamente 4% do original).

O povo Tapirapé, então, começa a se movimentar para tentar garantir ao menos um pedaço de chão de seu "habitat" tradicional.

Tem início uma longa luta travada principalmente com a Cia. Tapiraguaiá, entre o direito imemorial deste povo, garantido na Constituição Federal (artigo 178) e os interesses das grandes empresas financiadas pela SUDAM.

Até que finalmente sai o decreto presidencial nº 88.194, de 23 de março de 1983, garantindo aos Tapirapé e Karajá da barra do rio Tapirapé uma área conjunta de 66.000 ha.

Simultaneamente a implantação das grandes empresas agropecuárias, o turismo também se instalou nos rios Araguaia e Tapirapé, através da empresa André Safari Tours. Com dois grandes barcos-hotéis, destinados a receber sobretudo turistas estrangeiros, essa empresa causou considerável interferência nas comunidades indígenas. Durante a temporada turística estes barcos adentravam semanalmente nas áreas indígenas (maio a outubro).

No período de 1950 até agora, a participação dos Tapirapé no comércio regional foi aumentando gradativamente, sobretudo com a pesca e venda de pirarucu seco, peles de animais, venda de artesanato e mais raramente de produtos da roça.

2. A NECESSIDADE DE ESCOLA

É nesse contexto de intensivo contacto com a sociedade brasileira que surge a necessidade de escola:

- poder viajar a Brasília para conversar com a FUNAI a respeito da demarcação da área;
- poder entender a "linguagem" dos mapas, como é feita a representação gráfica dos acidentes geográficos, etc;
- poder comercializar com os sertanejos em pé de igualdade, sem serem fraudados nas trocas;
- não serem explorados na venda do pirarucu seco;
- vender artesanato por preços mais justos.

Todas essas aspirações foram expressas pelos Tapirapé quando fizeram a exigência de escola junto à Missão das Irmãs de Jesus, comunidade de religiosas que vive com eles desde 1952.

As Irmãs de Jesus conseguiram professores ligados à Prelazia de São Félix do Araguaia para assumirem a escola.

Em 1983 inicia-se o processo de alfabetização destinada a aten-

der sobretudo à população adulta (homens e mulheres), já que as expectativas provinham deles. A maioria da população adulta (50 pessoas), participou dessa alfabetização (112 pessoas na época).

Gradativamente, porém, a escola foi se abrindo para as crianças e hoje conta com 62 alunos de 7 a 19 anos. (4)

Quadro da Faixa Etária dos Alunos - 1987

ANOS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
7 a 10	10	18	28
10 a 15	14	12	26
15 a 19	7	1	8

O crescimento demográfico dos Tapirapé está em ritmo acelerado, pois a população quadruplicou em 35 anos. Há 77 crianças com idade abaixo de 7 anos, num total de 227 pessoas e cerca de 30% da população da aldeia se encontra na faixa de 7 a 14 anos. Isso nos leva a prever que no ano 2.000 haverá 150 crianças de 7 a 14 anos. Ver anexo II - Pirâmide Demográfica Tapirapé e modelo de previsão do crescimento populacional.

A comunidade Tapirapé foi aos poucos explicitando o desejo de que esse estudo fosse reconhecido oficialmente, ou de que "tivesse o mesmo valor" que o ensino ministrado nas escolas municipais e estaduais da região.

Em vista desse reconhecimento, conseguiu-se junto à Prefeitura Municipal de Santa Terezinha, MT, o decreto nº 003 de 07 de fevereiro de 1983, que criava uma escola municipal dentro da aldeia Tapirapé.

Porém esse decreto não satisfaz os interesses da comunidade indígena, uma vez que coloca a Escola Tapirapé nas mesmas condições de qualquer outra escola da rede municipal (quanto às exigências curriculares, de frequência, etc...).

Consultando o Plano de Educação do Estado de Mato Grosso (5), vi-

mos que o mesmo considera a "realidade dos Povos Indígenas como:

. Realidade importante: porque a educação indígena tal como é vivida por esses povos, apresenta valores culturais que podem se constituir, em alguns aspectos, modelos para o sistema escolar da sociedade brasileira;

. Realidade específica: porque a educação indígena deve ser distinta para cada um dos povos que a compõem levando-se em conta, uma certa diversidade de modelos educativos;

. Realidade diferente: porque esses modelos de educação, diferindo entre si, apresentam aspectos distintos se comparados ao sistema educativo nacional".

E é dentro deste espírito que propomos à Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso o reconhecimento da Escola Indígena Tapirapé.

3. A PROPOSTA CURRICULAR DA ESCOLA

3.1 - Diretrizes Gerais

Após 14 anos de trabalho educacional junto a essa comunidade, estamos convictos de que a escola Tapirapé deve respeitar:

- o processo histórico vivido por esse povo;
- a sua diversidade cultural;
- a sua especificidade sócio-linguística;
- a pedagogia própria na transmissão de conhecimentos;
- e ao mesmo tempo colaborar para que eles consigam recuperar e manter sua autonomia enquanto povo Tapirapé.

Eles sentem que para isso é preciso "conhecer o pensamento do branco" e há a expectativa de que a escola seja intermediária dos conhecimentos relativos ao nosso mundo, sobre o funcionamento da nossa sociedade.

Porém isso deve ser feito sempre cuidadosamente, sem colocar nossos conhecimentos como superiores, senão estaremos esvaziando e até destruindo elementos culturais que sustentam a identidade étnica

Exemplificando: um dos modos de se transmitir o saber dentro da cultura indígena é através do relato mítico feito pelas pessoas mais idosas. Sabemos que as narrativas míticas contêm informações relativas à fauna, flora, convivência e sobrevivência junto a Natureza, etc.

A escola não pode menosprezar esse saber próprio da comunidade indígena. A partir do conhecimento do índio sobre biologia, botânica, zoologia, astronomia, etc., os conhecimentos nossos também serão apresentados, mas de uma maneira comparativa e não como verdades absolutizadas.

O conhecimento mútuo das duas culturas deve se entrelaçar de modo que contribua para o enriquecimento de ambas, e não para que uma se sobreponha à outra, ignorando todo o saber construído ao longo de milênios.

Não é só por curiosidade que eles querem aprender nossos conhecimentos, mas também para encontrar alternativas de sobrevivência dentro da nova realidade em que o contato os envolveu.

Não podemos nos esquecer de que são sociedades minoritárias tentando sobreviver frente a um verdadeiro rolo compressor representado pela sociedade nacional.

Essa busca de alternativas para sobreviver será inócua se não considerarmos o referencial cultural básico do povo indígena.

A escola não poderá se omitir também frente ao processo histórico vivido pelos Tapirapé e pela totalidade dos povos indígenas no Brasil, que é a luta pelo reconhecimento ao direito de terem um território garantido e livre de invasores.

Lembramos o documento das Nações Unidas (6) que estabeleceu como programa de ação:

" que se reconheça a todas as nações indígenas o regresso e o controle, no mínimo, de terras suficientes e apropriadas que lhes permitam

uma vida economicamente viável e de acordo com seus próprios costumes e tradições, e que seja possível seu próprio ritmo de desenvolvimento" e " que a relação especial dos povos indígenas com sua terra deve ser entendida e reconhecida como básica para suas crenças, costumes, tradições e cultura".

A escola deve considerar a diversidade cultural, isto é, ter presente que está atuando num mundo onde as raízes são outras, a maneira de viver e interagir diferem particularmente da nossa visão de mundo. Se isso não for levado em conta, teremos uma escola instrumento de dominação cultural, movida de um etnocentrismo preconceituoso. Vale lembrar o Estatuto do Índio (artigo 47) que diz:

"É assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão".

Também o documento de Barbados (7) nos alerta que:

"O Estado deve garantir a todas as populações indígenas o direito de serem e permanecerem elas mesmas, vivendo segundo seus costumes, o direito de constituírem entidades étnicas específicas".

A escola terá que ^{se}situar dentro da especificidade sócio-lingüística.

Considerando-se essa especificidade (todas as crianças em idade de ingressar na escola não falam português), a alfabetização é feita na língua materna, pois como diz o informe da Reunião de Linguística organizada pela UNESCO em 1951:

- 1 - A língua materna é o meio natural de expressão de uma pessoa, e uma de suas primeiras necessidades é desenvolver ao máximo sua aptidão para expressar-se.
- 2 - Todo aluno deverá começar seus cursos escolares na língua materna.
- 3 - Nenhuma língua é inadequada para satisfazer as necessidades de uma criança nos primeiros meses de ensino escolar.

Esse estudo (8) cita os fatores psicológicos, sociológicos e edu

... que constituem o uso da língua materna para a instrução de uma criança: psicologicamente é o sistema de sinais significativos que na sua mente funciona automaticamente na expressão e no entendimento; sociologicamente é um meio de identificação entre os membros da comunidade a que pertence; e educacionalmente a criança aprende de mais rapidamente através dela do que através de um meio linguístico que não lhe seja familiar.

O Congresso Brasileiro aprovou em 1965 (Decreto Legislativo nº 20), e o Presidente da República promulgou em 1966 a Convenção nº 107 da Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho. Nela, entre outras recomendações, lemos no art. 23:

"1. Será ministrada às crianças pertencentes às populações interessadas, ensino para capacitá-las a ler e a escrever em sua língua materna ou em caso de impossibilidade, na língua mais comumente empregada pelo grupo a que pertencem".

Também temos a Lei nº 6001 (Estatuto do Índio), que no seu artigo 49, diz:

"A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertencem, e em português, salvaguardando o uso da primeira".

Respalçando todas essas leis e recomendações, temos uma prática na escola Tapirapé, que realmente comprova que:

- o processo de alfabetização é muito mais eficaz quando desenvolvido na língua materna;
- uma vez que as crianças estão alfabetizadas passa-se ao estudo de português como segunda língua.

"A alfabetização se faz em uma língua só e quando se aprende uma segunda ou terceira língua o indivíduo não se alfabetiza por segunda ou terceira vez, mas somente adapta o método para o novo código" (2).

Para que a alfabetização na língua materna seja eficaz, temos que contar com material didático pedagogicamente adequado. A escola Tapirapé conta com material produzido com a participação dos professores,

dos alunos e de linguistas. Há para o período preparatório

"Xe xoma'eawa ypy", depois a cartilha "Xeparamo'eawa", agora na 2ª edição. Também foi elaborado um livro de textos "Xano Parageta" - Nossas Histórias - além de vários mitos escritos em Tapirapé e traduzidos para o Português (mimeografados). Também a gramática e a fonologia da língua Tapirapé já estão estudadas e há obras que dão apoio e subsídio ao trabalho escolar. (10)

Para a elaboração desse material temos contado com a assessoria dos linguistas:

- Profa. Dra. Yonne de Freitas Leite (Museu Nacional - RJ)
- Profa. Ruth Monserrat (UFRJ)
- Profa. Tania Clemente de Souza (Museu Nacional - RJ)
- Profa. Marília Facó Soares (Museu Nacional - RJ)
- Prof. Antonio Almeida (UNB)
- Prof. Dr. Arnon D. Rodrigues (UNICAMP)

Na área de Ciências e Matemática, conseguimos a assessoria de professores ligados ao NIMEC-UNICAMP:

- Profa. Marineusa Gazzetta - Matemática
- Prof. Dr. Eduardo Sebastiani Ferreira - Matemático
- Prof. Dr. Márcio D'Olne Campos - Físico

Na área de Psicologia da Educação:

- Profa. Regina de Assis - UNICAMP
- Profa. Margarita Bessel-Lagos - Universidade de Friburgo - Suíça

Todas essas pessoas têm contribuído sobremaneira na discussão para a adequação de um currículo escolar para a Escola Tapirapé.

Além disso, temos participado dos encontros de Educação Indígena, promovidos pela OPAN (Operação Anchieta - Cuiabá/MT), realizados periodicamente. Nesses encontros além da troca de experiências com companheiros que também fazem trabalho de educação em aldeias indígenas, a discussão é aprofundada com auxílio de antropólogos, pedagogos, etc.

escola deve levar em conta a pedagogia própria na transmissão dos conhecimentos.

Considerando-se que a educação indígena sempre existiu e continuará a existir fora da escola, temos que procurar formas de que essa instituição provinda de uma outra sociedade não venha a interferir negativamente neste processo. Há possibilidade de complementação entre ambas se levamos em conta que "alfabetização e escola devem ser tomadas com técnicas complementares em uma situação de contato, e não como instrumentos substitutos da educação indígena." (11)

Segundo Egon Schaden, "a educação nos grupos tribais se relaciona em cada um dos seus aspectos com a vida coletiva em suas múltiplas dimensões (...). Para compreender o processo educativo numa tribo qualquer seria necessário a rigor conhecer a fundo o sistema sócio-cultural a que ele corresponde". (12)

Dentro da cultura Tapirapé há métodos pedagógicos que são usados para socializar as novas gerações: percebe-se que é toda a comunidade que educa as crianças, nas mais variadas situações, a fim de que esses indivíduos possam ir se desenvolvendo nos padrões estabelecidos de que seja um bom Tapirapé, uma boa Tapirapé. Daí a importância do exemplo na ação dos mais velhos.

O que Florestan Fernandes disse a respeito dos Tupinambá também é verdadeiro para os Tapirapé: (13)

"Trate-se de uma educação que tinha por base assimilar o indivíduo à ordem social tribal (ou ao nós coletivo), nos limites q. isso se torna possível, sem destruir o equilíbrio psico-fisiológico da pessoa, unidade e fundamento dinâmico da vida."

O grande respeito que se tem pelas diferenças individuais, gera uma sociedade em que todos têm seu lugar. É uma educação que ao mesmo tempo integra e também considera as diferenças.

Não há áreas estanques de conhecimento. A educação é globalizante, não divorciada da vida.

Como metodologia de ensino considera-se o "aprender fazendo": a criança vai observando e imitando as ações dos adultos. Estes por sua vez, fazem instrumentos de trabalho adequados ao tamanho de seus filhos e filhas. Assim, uma garota tem seu pilãozinho, sua peneirinha. Os meninos têm arcos e flechas correspondentes ao seu tamanho. E o aprendizado acontece na brincadeira. Brincando se prepara para a vida adulta.

O grande respeito que se tem para com as crianças transparece até quando é preciso corrigir alguém que cometeu uma transgressão do comportamento considerado ideal. Não se altera a voz, e é pela via da persuasão que se procura convencer a criança a mudar o comportamento.

Durante a amamentação a mãe dispensa total cuidado e atenção às crianças. Entretanto, depois do tempo do desmame a criança se torna muito independente e com ampla liberdade de movimentos.

Os rituais do docume, da iniciação (para os rapazes por volta dos 12 anos e para as meninas por ocasião da primeira menstruação), são momentos educativos significativos e celebrados pela comunidade toda.

3.2 - Organização da Escola

A sociedade indígena Tapirapé, com seu sistema educativo tradicional, tenta sobreviver, tanto física quanto culturalmente, frente a um contacto avassalador com a sociedade envolvente e vê na escola um meio de ajuda nesta luta.

Diante disso, acreditamos que a educação escolar tem que se organizar de tal maneira que, permeada pela cultura Tapirapé, introduza novos conhecimentos, de forma crítica e não desligados do contexto em que se apresentam.

3.3 - Organização Didática

Assim para melhor atender ao desenvolvimento de cada aluno, e também para se adaptar ao ritmo de vida da aldeia, propomos que

Os ciclos caracterizam-se por integrar em um "continuum" o processo de ensino-aprendizagem.

Em cada ciclo existem grandes metas que devem ser completadas, necessariamente, até o final do percurso, mas que não devem ser atreladas a uma relação rígida que imponha a progressão de um aluno dentro do ciclo.

Dessa maneira, há várias vantagens, pois:

- não há uma margem rígida dos dias letivos limitada pelo calendário oficial (180 dias);

- os alunos poderão participar das saídas coletivas para as pescarias, caçadas, etc., sem com isso ficarem prejudicados;

- há oportunidade para os professores participarem dessas outras atividades, o que consideramos indispensável para que a escola não se isole da vida tribal (essas ocasiões são excelentes para o aprendizado "in loco" de Ciências Naturais, Estudos Sociais, etc.)

- o ensino em ciclos proporciona um respeito ao rendimento de cada aluno: quando ele atingir as metas propostas por um ciclo, passará para o ciclo seguinte. Com isso evita-se a reprovação;

- é assegurada ao aluno a continuidade de estudos sem repetição dos conteúdos já dominados.

A avaliação do rendimento escolar é parte integrante da proposta educacional e deve ser feita em função dela, deixando de ser um instrumento destinado à mera aprovação ou retenção do aluno para se constituir em importante recurso de que dispõe a escola, possibilitando a identificação dos fatores que facilitam ou dificultam a aprendizagem e a tomada de decisão sobre as estratégias mais adequadas para abordá-los.

O processo de avaliação é contínuo; como as turmas são constituídas por um número pequeno de alunos (máximo de 20), há condições de professor acompanhar o desempenho do aluno nas várias atividades e tra

Os alunos realizados, bem como o de atendê-lo nas dificuldades encontradas.

Os dados obtidos na avaliação do aproveitamento do aluno deverão ser registrados numa ficha descritiva de objetivos e conteúdos dominados em cada componente curricular, de modo tal que retrate, de maneira adequada, o processo de evolução do aluno dentro de cada ciclo.

Assim é possível determinar quando as metas de cada ciclo foram atingidas e aí o aluno passará para o ciclo seguinte.

Os alunos que não atingiram todas as metas fixadas para um ciclo mas que estiverem com defasagem de idade poderão passar para o ciclo seguinte, se for considerado conveniente para ele permanecer com o grupo da mesma faixa etária. Dentro da cultura Tapirapé, o grupo etário é muito importante na estrutura social. Por exemplo, um aluno que fez a iniciação junto com outros rapaziños, mesmo que não esteja no mesmo nível de desenvolvimento escolar que os outros de sua turma, deverá permanecer junto com seu grupo a fim de não sofrer todo um processo de desagregação. Nesse caso, no ciclo seguinte, esse aluno terá uma programação de estudos que lhe possibilite superar as dificuldades apresentadas.

O aluno concluinte de 1º Ciclo terá seus estudos correspondentes à 2ª série do 1º grau e o aluno concluinte de 2º Ciclo, à 4ª série do 1º grau.

Uma outra questão a ser colocada é a questão dos nomes dos alunos para efeito de matrícula.

Desde o nascimento até passar pelos ritos de iniciação, a criança tapirapé recebe um nome, dado pelos avós, e que pertence a um seu antepassado.

Com a chegada da puberdade celebra-se a passagem de menino a rapaz, e o novo indivíduo recebe um novo nome, para marcar justamente essa passagem: ele deixa de ser menino e ingressa na convivência com os homens. Passa a morar na "casa dos homens" até seu futuro casamento.

Após a chegada ao período de iniciação, passar por um período

de reclusão no fim do qual elas são enfeitadas e são consideradas novas mulheres, recebendo também novos nomes.

Esses acontecimentos são celebrados ritualmente, com participação de toda a comunidade. Depois os seus nomes de criança não podem ser mais pronunciados, e caso seja é motivo de grande vergonha para o novo rapaz ou para a nova moça.

Preparamos para solucionar isso, uma ficha de matrícula que possibilite o registro dos dois nomes. Assim não ocorrerão dificuldades quanto à identificação dos alunos. Segue o modelo no anexo III.

3.4. - Organização do Corpo Docente e do Corpo Discente

Atualmente o corpo docente da Escola Tapirapé é constituído por três professores Tapirapé e dois "toril" (não-índios).

Os professores Tapirapé assumem as turmas do 1º Ciclo. Neste ano, um deles está assumindo também uma turma iniciante do 2º Ciclo.

Nossa intenção é de que, paulatinamente, o 1º e 2º Ciclos sejam assumidos por professores Tapirapé.

O professor Luiz Bauvêa de Paula assume uma turma de 2º ciclo e a professora Eunice Dias de Paula, faz o acompanhamento pedagógico aos professores.

É preciso que os professores não-indígenas que vão trabalhar na Escola Tapirapé possuem adequada preparação antropológica, além de conhecimentos prévios da língua e cultura deste povo.

Quanto ao corpo discente, é constituído pelas crianças da aldeia a partir de 7 anos. Consideramos que a vivência das crianças menores de 7 anos no âmbito familiar-tribal, é importantíssima na sua formação psico-social. Seria artificial e contraproducente, que elas, antes dessa idade fossem limitadas pelo espaço-escola, pois esse período é privilegiado no que se refere ao desenvolvimento psico-físico e à integração social das crianças.

3.5. - Quanto à Direção da Escola

Preferimos que a escola seja integrada à vida da comunidade. Assim, pretendemos que a escola seja um espaço de interação entre a comunidade e a escola.

Praticamente todas as noites os Tapirapé se reúnem no terreiro da takara (*), localizada no centro da aldeia. Nessas reuniões são discutidos os assuntos do dia-a-dia e também os assuntos que dizem respeito à vida da comunidade.

Considerando que a nossa atuação junto ao povo Tapirapé é a nível de colaboração e que nossas ações devem se pautar por um esforço no sentido de que eles se organizem cada vez mais para que sejam protagonistas de sua própria História, seria incoerente que a direção da escola ficasse nas mãos de uma só pessoa e pior ainda, se for uma pessoa não indígena.

Assim propomos uma equipe diretiva da escola composta pelo chefe da aldeia e pelos professores (tanto os Tapirapé como os não-indígenas). Essa equipe se ocuparia mais do andamento cotidiano da escola. Qualquer decisão mais abrangente, porém, deve necessariamente passar pela comunidade toda, na reunião da takara, como já acontece com as práticas vivenciadas por eles.

3.6 - Os Componentes Curriculares

3.6.1 - Língua

Considerando o que foi exposto em 3.4, a alfabetização é feita na Língua Tapirapé. Como recurso didático temos a cartilha "Xeperama eawo" (Meu Instrumento de Aprendizagem).

Esta cartilha está agora na 2ª edição. A primeira foi elaborada em 1997 e era um material preparado pelos professores não-Tapirapé. Durante os 3 anos de aplicação desta cartilha, desencadeou-se uma intensa produção de textos ilustrados pelos alunos. Estas lexias versam sobre assuntos variados e contêm tal riqueza de detalhes que para refazer a cartilha só tivemos que selecioná-los de acordo com as unidades temáticas.

Estas unidades são representativas do Universo Tapirapé:

Ka - e rope .

(*) Takara = "casa comunal", local de reunião, como também é chamado

'Y - A água

Ka'á - A mata

Tawa - A aldeia

Xo - O campo

Tarywa - As festas

Os professores Tapirapé participaram efetivamente desta 2ª edição, tanto na coleta, como na revisão dos textos. Porém, ao trabalhar com a cartilha consideramos importante que o professor não se prenda só aos textos impressos. A participação das crianças é estimulada, permitindo assim a sua expressão sobre os temas propostos ou outros assuntos vivenciados pelos alunos no dia-a-dia da aldeia.

A estratégia usada é a conversa sobre o tema, o desenho e a redação sobre o que foi conversado e desenhado.

Assim, por exemplo, se o tema é o urucum, os alunos são estimulados a escreverem sobre o plantio do urucum, como é feita a sua colheita, o preparo da tinta e as ocasiões em que a mesma é usada. Os textos ilustrados são montados em forma de "livrinhos" e assim aos poucos vai se formando uma pequena biblioteca com assuntos da própria vida da Tapirapé, na qual a participação dos alunos é essencial.

Desse modo, também, dá-se naturalmente a integração entre as diversas áreas de estudo - no caso do urucum, entre as Ciências Sociais, Ciências Naturais, Linguagem e Educação Artística.

Posteriormente a essa fase, dá-se maior ênfase à produção de textos na língua materna: redações, descrições, relatos sequenciados, motivando-se os alunos a fazerem os registros dos eventos ocorridos.

Os textos elaborados por turmas anteriores também são utilizados como material de leitura na língua Tapirapé.

Nessa fase inicia-se também o estudo de alguns mitos. A partir de fitas gravadas com os mais idosos da aldeia, faz-se um trabalho intenso na área de linguagem e expressão e educação artística: as crian

Ao ouvem as fitas, lêem os textos, recontam as histórias e ilustram as cenas com desenhos. Com estes desenhos monta-se um "filminho", que depois será rodado num cineminha de rolo, juntamente com a audição da fita.

Entendemos que a língua é a expressão de toda a cultura, de todo o pensamento do povo Tapirapé. Por isso ela não deve ser usada apenas como um trampolim para a aprendizagem do Português.

Em consequência disto, o estudo da Língua Materna não se restringe só ao 1º ciclo. No 2º ciclo dá-se continuidade ao estudo da Língua Materna ao mesmo tempo em que se inicia o estudo do Português. Progressivamente vão sendo introduzidos novos fonemas da Língua Portuguesa num processo contínuo de criação de textos, descrições de gravuras e fotos, relatos, cartas, bilhetes, etc. Atenção especial merece o trabalho de tradução de textos em Tapirapé para a Língua Portuguesa e vice-versa. Esse trabalho é feito para vencer dificuldades semânticas e também para refletir sobre a estrutura gramatical da própria língua comparando-a com o Português.

Outro trabalho desenvolvido com os alunos é a elaboração de um pré-dicionário. Eles estão coletando palavras e fichando-as com as traduções anotadas para uma posterior impressão de um dicionário Tapirapé-Português, Português-Tapirapé.

Assim os alunos trabalham simultaneamente com as duas línguas, em traduções orais e/ou escritas, confecção de livrinhos, preparação do dicionário, etc.

Nesse contexto desenvolve-se o estudo das estruturas gramaticais das duas línguas, de uma maneira comparativa.

Na realidade atual do processo de contacto dos Tapirapé com a sociedade envolvente, eles aspiram a dominar bem o Português. A escola vai atendendo a essa aspiração na medida em que avança o processo de escolarização.

3.6.2 - Matemática

A Matemática está presente na vida Tapirapó desde as atividades mais simples das crianças até as contas complicadas do adultos com a venda do peixe seco ou artesanato que exigem operações bem diferentes do sistema de cálculo tradicional da tribo. Nesse sistema os dedos dos pés e das mãos funcionavam como "máquina de calcular". Esse sistema tradicional já não responde às necessidades e dele restou apenas os números de 1 a 4 e a palavra wotopo (muitos). Porém, formas tradicionais de distribuição (divisão) de produtos de caça, pesca, lavoura, etc., permanecem. Um apurado senso geométrico, também permanece, presente nos desenhos das pinturas corporais, trançados com palha, jogos com fios de linha, nas construções, nas maneiras de utilizar o espaço físico, etc.

Relacionar a Matemática e a vida, integrar a Matemática com Ciências Sociais e com Ciências Naturais e demais áreas do conhecimento é uma tarefa necessária para que ela não se torne uma matéria isolada do contexto cultural Tapirapó.

Em termos curriculares, o papel desempenhado pela Matemática se aproxima daquele desempenhado pela alfabetização em sentido amplo, ou seja, o de tornar possível a compreensão de certos aspectos, sobretudo quantitativos e geométricos, da realidade física e social e dos processos lógicos subjacentes a essa compreensão. Além disso, as mesmas operações mentais presentes na alfabetização em Língua Materna estão presentes nos primeiros passos rumo ao domínio do número e de sua representação: classificar, seriar, ordenar, fazer correspondências, etc.

No 1º ciclo a ênfase é colocada na construção, com compreensão dos conceitos matemáticos trabalhados nesse período e que podem ser agrupados em quatro temas: Número Natural, Sistema de Numeração Decimal, Operações com Números Naturais e Geometria.

É possível que, nessa fase, alguns não tenham ainda aprendido to-

das as dificuldades envolvidas nas técnicas operatórias, por exemplo: adição com reserva, subtração com recurso, multiplicação onde um dos fatores é maior que 10, etc. Tais dificuldades deverão ser trabalhadas nos ciclos seguintes, sempre levando em conta a continuidade na construção de tais conhecimentos.

A exploração pela criança, do espaço físico que a rodeia, as propriedades dos objetos que povoam esse espaço, as semelhanças e diferenças entre elas se constituem no objetivo do ensino da Geometria no 1º ciclo.

No 2º ciclo, a meta é desenvolver um bom desempenho na resolução de problemas ligados às necessidades reais da comunidade. Para isso, é usada a estratégia da modelagem, isto é, em cima do levantamento de problemas que tenham significado nessa realidade, desenvolve-se estratégias e/ou técnicas para análise e/ou solução desses problemas. As soluções encontradas são então confrontadas com os dados levantados e com a realidade envolvente para testar se têm significado nessa realidade.

Na estratégia da modelagem os componentes curriculares são trabalhados integradamente. As crianças colhem dados sobre o problema junto aos elementos da comunidade, esses dados são analisados e trabalhados em sala de aula, são separados os dados essenciais para o problema, são introduzidos novos conteúdos que permitam aprofundar a análise, organizam as conclusões e/ou soluções, confrontam essas soluções com os dados de realidade e organizam as conclusões a que chegaram em forma de relatos ilustrados.

Um exemplo:

1 - A Piroesca (*)

- Hábitos da Piroesca - habitat, procriação, etc.
- Exploração de mitos (se existirem)

(*) Piroesca ou pirarecu é o peixe que os Tapirapó salgam e vendem, sendo, portanto, uma das importantes fontes de renda para a comunidade.

- Semelhanças e diferenças com outros animais

(componentes envolvidos: Língua, Educação Artística, Ciências Naturais, História).

II - A pesca da piroasca

- A saída para a pesca - o sal, a farinha, a rede, etc.

- Descrição da preparação que os homens fazem, as conversas, os preparativos, etc.

- O problema da "meia" na saída e na volta

- A pesca em si - como se processa - problemas ecológicos

- A retalhação em mantas - relação entre o número de palmos do comprimento da piroasca com o número de mantas e o "peso" aproximado em arrobas

- A parte geográfica - a descoberta de novos lagos, a confecção de mapas, o problema de escala; pontos cardeais, localização, relação com o trabalho de ângulos a partir da posição do sol.
(componentes envolvidos: Língua, Educação Artística, História, Ciências Naturais, Matemática, Geografia, Ecologia).

III - O comércio da piroasca

- A secagem - a perda de massa - o fenômeno da evaporação

- O "peso" - arroba - exploração de medidas e instrumentos de medidas: as balanças

- O preço - exploração do sistema monetário

- O comércio - a figura do intermediário - os cuidados para não ser ludibriado - o "conhecimento" - o papel da escola.

(componentes envolvidos - Língua, Educação Artística, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia).

IV - A importância da piroasca para o Tapirapé

- A evolução histórica da pesca da piroasca

- O equilíbrio ecológico.

(componentes envolvidos: Língua, Educação Artística, História, Geografia, Ecologia).

3.6.3 - Ciências

A seleção e organização dos conteúdos de Ciências, norteiam-se basicamente por:

- terem vínculo com o cotidiano do aluno;
- terem relevância dentro do contexto social da aldeia.

Com esse tipo de abordagem, os alunos podem organizar informações sobre uma série de aspectos que contribuem para a compreensão de suas condições de vida e da comunidade e para ficarem munidos de algum instrumento para interferir nessas condições visando à sua melhoria.

No entanto, a discussão não para neste ponto. Ainda que não usuais na comunidade, certos aspectos precisam ser conhecidos, comparados e avaliados para permitir ao aluno ampliar progressivamente os conceitos que, por sua vez, contribuirão para aguçar o poder de discernimento e interferência sobre a sua realidade. É o caso, por exemplo, das atividades relacionadas à Ecologia.

Tanto no primeiro como no segundo ciclo, o estudo do ambiente é feito através de uma abordagem interdisciplinar, sendo que os conteúdos são organizados tendo em vista que a noção de ambiente se constrói a partir da apreensão de seus componentes e fenômenos e relações entre eles, com especial atenção ao modo pelo qual o Homem interage com o meio.

No 1º ciclo são priorizados os aspectos que favorecem a compreensão do ambiente imediato, centrado no aluno, vivenciado por ele.

No 2º ciclo são enfatizados outros aspectos que possibilitem ampliar a compreensão do ambiente para além dos limites de tempo e espaço estabelecidos pela experiência vivida diretamente - o ambiente mediato.

O registro dos fenômenos observados vai sendo sistematizado na forma de "calendários" - a princípio só desenhos e textos, no 2º ciclo, começa-se a fazer interligação desses fenômenos. Por exemplo, no mês de maio começa a aparecer os peixes, as garças começam a fazer

nas praias, aparecem muitos peixinhos, os mergulhões e as garças dando mergulhos para comê-los. Os meninos todos saem com flechas para flechar os peixes do lago. Ao mesmo tempo parou de chover e começa a ventar durante o dia. Por que tudo isso está acontecendo? Todos os fenômenos estão relacionados entre si - é o começo da estação da seca que na região do Araguaia se chama de "verão".

Mediante a comparação entre os dados coletados nos vários anos os alunos fazem uma análise para o levantamento dos fenômenos cíclicos e qual a interrelação entre eles.

3.6.4 - História

Não se pode pensar em História na escola Tapirapé desvinculada da realidade vivida pelos povos indígenas no Brasil. A própria história Tapirapé é um exemplo da triste realidade provocada pelo genocídio desumano, conforme relatado na primeira parte desta proposta.

Assim, recuperar esta história a partir da ótica indígena é atividade vital dentro da escola.

No primeiro ciclo são trabalhados temas sociais pertencentes à realidade mais imediata das crianças menores e portanto mais acessíveis a ela. Por exemplo, na V Unidade da Cartilha, quando se estuda o tema "Aldeia", também se estudam as relações sociais, o papel desempenhado pela família extensa, o trabalho da mulher, o trabalho do homem, as brincadeiras infantis, etc.

E a escola também se empenha no resgate da História Mitológica - ela é o código que dá os parâmetros de comportamentos sociais adequados, além de muitos outros conhecimentos nas outras áreas.

Essa tarefa de resgate é urgente e prioritária pois os adultos que sabem contar as histórias são poucos e já idosos. Também os meios tradicionais de transmissão de mitos já não funcionam satisfatoriamente. Daí a oportunidade e a responsabilidade da escola trabalhar com os mitos.

No segundo ciclo, ouvir relatos dos mais velhos que viveram as ex

periências, estudar fotos antigas, comparando-as com a vida de agora; estudar os livros de antropólogos que estiveram com os Tapirapé a partir de 1935, essas são atividades que relevam os aspectos históricos e que também não são trabalhados isoladamente. Assim se os alunos estão estudando o tema "Aldeia", além da descrição geográfica, social, física da aldeia atual, também são apresentadas fotografias das aldeias antigas e aí, a partir da comparação, as crianças vão analisar o que mudou, o porque mudou - o modo de construir as casas, por exemplo. Comparam também com fotos de outras aldeias indígenas e com as cidades do "tori". Isso é feito para ir ampliando a concepção de construção/reconstrução, e estabelecer uma relação crítica com a segmentação passado/presente/futuro.

Os livros de textos utilizados no 2º ciclo são "A História dos Povos Indígenas no Brasil" e "A Confederação dos Tambores". Este material foi elaborado tendo em vista a carência de livros que retratem a história a partir do ponto de vista dos povos indígenas.

3.6.5 - Geografia

Quando se fala em trabalhar Geografia numa escola indígena, não se pode ignorar a relação de convivência destas povos com seu território, seu chão cultural. Não se trata de observar só os acidentes físicos e descrevê-los pela forma; é preciso entender que lagos, morros, rios, etc., estão ligados à História do próprio povo, de uma maneira muito próxima e essencial à sua sobrevivência.

Deste modo trabalha-se no 1º ciclo, de uma maneira integrada, os tópicos geográficos mais próximos à realidade da criança. Por exemplo, se o tema é "A Roça", há a preocupação de se levantar os aspectos geográficos ligados ao tema:

- localização: é longe/perto da aldeia?
- por que se escolhe determinado local para se fazer a roça?
- a questão de solos apropriados.
- tipos de roça: porque o Tapirapé faz dois tipos de roça: meadia

ca e arroz, banana e milho, etc.

- quem faz a roça? o trabalho masculino.
- como se faz a roça? o trabalho em mutirão.
- confecção de mapa com a localização da roça, tendo a aldeia como referência.

No 2º ciclo há a preocupação de ir-se ampliando; partindo desse referencial mais próximo, vai-se abrangendo áreas cada vez maiores.

Também aí aproveitam-se os "ganchos" que vão aparecendo. Por exemplo, se chega um avião de Brasília, vamos ver no mapa onde está Brasília, se é longe, se é perto, o que é Brasília, etc.

A organização do espaço e do tempo, é outro tópico que merece especial atenção na escola, levando em consideração as concepções de como os Tapirapé organizam essas noções.

3.6.6 - Educação Artística

A Educação Artística acha-se integrada a todas as atividades feitas na escola, como continuidade das experiências que ocorrem naturalmente na vida diária do Tapirapé. Desta maneira a criança tem oportunidade de realizar uma síntese única, resultante da transformação de significados internos em uma forma articulada: percepções, sentimento e pensamento aparecem ordenados numa configuração, que lhe revela uma maneira de compreensão de sua experiência.

No 1º ciclo privilegia-se a elaboração de desenhos que ilustram os textos que são montados em forma de livrinhos. Além disso, aparecem as brincadeiras próprias das crianças:

- o jogo do barbante - "Xema'ezawa" (meses de fevereiro e março).
Nesse jogo, as crianças, através de movimentos coordenados dos dedos das mãos, às vezes até com os pés e a boca, criam desenhos com o barbante, dando um nome ao desenho formado: onça, sacó, corcoço, arreia, rana de mandioca, etc....
- pião - o pião é fabricado com o tronco da geladeira e as cri-

anças fazem vários jogos: passar o pião de mão em mão, caçar o pião do outro, etc.

- Jogo de peteca - constroem a peteca com palha de milho e penas e jogam, contando o número de vezes em que a peteca é batida sem cair no chão.
- e outras brincadeiras.

Também nos filminhos que se fazem a partir dos mitos, a expressão artística das crianças, através dos desenhos ilustrativos das cenas das histórias é estimulada.

No 2º ciclo, além da continuidade das atividades realizadas no 1º ciclo, começa-se a estimular mais as dramatizações e o artesanato.

No artesanato procura-se estimular a criança a fazer uma pesquisa das várias produções artesanais da comunidade, que são discutidas, a aplicação é reproduzidas na escola. Também as pinturas corporais estão sendo objeto de pesquisa pelos alunos da escola.

Nas dramatizações, além das produções de textos escritos e ilustradas, procura-se introduzir o teatro. É o caso, por exemplo de "A Briga dos Caititus" (um é o caititu bicho e o outro é o caititu saia por de mandioca). Os alunos criam o texto a partir de um tema setado, a mandioca, constroem os bonecos, personagens da história e encenam a peça.

3.6.7 - Educação Física

Como já foi colocado anteriormente a escola Tepirapé é organizada de tal maneira que sempre esteja permeada pela cultura da comunidade. Dessa maneira, a Educação Física coloca-se como extensão da atividade de sala de aula já que toda criança Tepirapé realiza inúmeras atividades diárias que lhes permitem o desenvolvimento corporal e a socialização: a natação e os mergulhos no lago que dista uns 200 m da aldeia; a pira feita com arco e flecha o que exige, além da observação e da atenção, uma perfeita coordenação de movimentos; o exercício com remo, além de fortalecer, as habilidades (já citadas no item anterior),

os jogos, andar de bicicleta, etc.

Todas estas atividades, embora realizadas fora do recinto escolar, são observadas pelos professores e trabalhadas em sala de aula, de maneira integrada às outras atividades. Por exemplo, a construção de um campo para se jogar peteca foi trabalhada em Matemática para o estudo de área (2º ciclo). Na brincadeira de roda (mani'akawy) pode ser trabalhada a noção de dentro/fora, interior/exterior (1º ciclo).

3.7 Tópicos Abordados

3.7.1 - Primeiro Ciclo

3.7.1.1 - Língua

Alfabetização na Língua Materna

- grafemas - leitura e escrita da Língua Tapirapé;
- desenhos sobre: acontecimentos da vida diária da aldeia, experiências diversas vivenciadas pelas crianças;

Linguagem

- 1ª fase - nomeação dos desenhos: estrutura silábica das palavras e estrutura alfabética das sílabas;
- 2ª fase - frases: articulação das frases em palavras;
- 3ª fase - pequenos textos;
- 4ª fase - textos maiores;
- 5ª fase - montagem de pequenos livros;

Leitura de livrinhos elaborados por outras turmas;

Mitos (Histórias Mitológicas dos Tapirapé): ouvir, desenhar, ler recontar.

3.7.1.2 - Matemática

Percepção relativa e tamanho e posição;

Classificação;

Sequência;

Número Natural;

Sistema de Numeração Decimal;

Operações com Números Naturais: adição, multiplicação,
subtração, divisão;
Geometria.

3.7.1.3 - Ciências

Noções de tempo/espaço;

Observação e registro dos fenômenos ocorridos no meio
ambiente: mundo vegetal, mundo animal, mundo mineral;

A interação da comunidade com esses fenômenos.

3.7.1.4 - História

Noções de tempo;

Noção de semelhança e diferença;

Noção de permanência e mudança;

Aspectos sociais e históricos relacionados com:

- a comunidade, a aldeia,

- a roça,

- a água,

- a mata,

- o campo,

- as festas,

- os mitos.

3.7.1.5 - Geografia

Estudo dos aspectos geográficos da meio ambiente mais pró-
ximo:

- aldeia,

- lagos,

- rios e praias,

- mata,

- campo,

- roças.

3.7.1.6 - Educação Artística

Desenhos livres;

Desenhos para ilustrar textos e histórias;

Jogos;

Brincadeiras;

Modelagem com argila;

Recortes e colagens.

3.7.1.7 - Educação Física

Atividades do cotidiano: natação e mergulho, exercícios com remo, pesca com arco e flecha, subida em árvores, caminhadas, etc.;

Jogos;

Brincadeiras.

3.7.2 - Segundo Ciclo

3.7.2.1 - Língua

Aquisição dos fonemas da Língua Portuguesa não pertencentes à Língua Tapirapé;

Ampliação do vocabulário em Língua Portuguesa;

Atividades realizadas nas duas Línguas:

- redação sobre temas específicos e variados;
- composição de histórias ilustradas - livrinhos;
- relatos descritivos de atividades realizadas fora da aldeia: pescaria, caçadas, colheitas, etc.;
- confecção de jornal mural sobre assuntos do momento;
- audição de histórias (mitológicas e outras) e posterior reprodução oral e escrita;
- leitura e interpretação de jornais, revistas, cartas, etc.
- descrição de fotos e gravuras;
- recriação de textos lidos e analisados;
- tradução de textos: Tapirapé para Português, Português para o Tapirapé;
- coleta de palavras para o dicionário bilíngue;
- domínio progressivo dos sinais de pontuação;

análise e reflexão comparativa sobre a estrutura das duas línguas.

3.7.2.2 - Matemática

Sistema de Numeração Decimal;

Operações com números Naturais: adição, multiplicação, subtração, divisão;

Números Racionais Absolutos: forma fracionária, forma decimal, operações com decimais, porcentagem;

Geometria: exploração de figuras planas e não planas, propriedades relativas a seus elementos, composição e decomposição de figuras, ladrilhamentos, ampliação e redução de figuras, a noção de escala, noção de ângulo;

Medidas: noção de medida, unidades de comprimento (não padronizadas e padronizadas), unidades de capacidade e massa (não padronizadas e padronizadas), medidas de superfície.

3.7.2.3 - Ciências

Noção de tempo e espaço;

Fenômenos naturais e sociais do ponto de vista dos Tapirapé, de outros índios e dos "tori";

O calendário: observação, registro, análise dos fenômenos cíclicos e dos fenômenos esporádicos;

Observação e análise dos fenômenos ocorridos no próprio corpo; cuidados com o corpo; prevenção da saúde.

Comparação dos dados da anatomia Tapirapé, com os da anatomia "tori".

3.7.2.4 - História e Geografia

Localização e histórico do território atual ocupado pelos Tapirapé;

Localização e histórico do território tradicional Tapirapé.

Região mais próxima - Ilha do Bananal, Rio Araguaia:
localização e histórico da ocupação.

Povos Indígenas do Brasil:

- localização,
- história,
- organização social e política dos povos indígenas,
- língua e cultura:

A chegada dos portugueses:

- ocupação da terra,
- consequências da chegada dos Portugueses;

A resistência dos Povos Indígenas: a Confederação
dos Tambois;

A situação atual dos Povos Indígenas no Brasil.

3.7.2.5 - Educação Artística

Desenhos livres: desenhos para ilustrar textos e histó-
rias;

Brincadeiras;

Jogos;

Dramatizações;

Modelagem em argila;

Artesanato;

Pesquisa sobre pintura corporal e danças rituais.

3.7.2.6 - Educação Física

Atividades do cotidiano: natação e mergulho, exercícios
com remo, pesca com arco e flecha, subida em árvores,
caminhadas, etc;

Jogos;

Brincadeiras;

Danças rituais.

3.0.1 - Primeiro Ciclo

As atividades desenvolvidas no 1º ciclo, têm por meta, oferecer à criança condições para:

- a aquisição da leitura e da escrita da Língua Materna;
- o desenvolvimento da expressão oral e demais formas de expressão;
- a tomada de consciência de si mesma;
- situar-se em relação ao seu meio ambiente.

3.0.1.1 - Avaliação da Aprendizagem no 1º Ciclo

Será considerado apto a passar para o 2º ciclo o aluno

que:

Em Língua Tapirapé:

- identificar a estrutura silábica das palavras;
- reconhecer as famílias silábicas;
- reconhecer a articulação da frase em palavras;
- ler e escrever frases e pequenos textos, havendo a possibilidade de incorreções ortográficas nos casos de: uso de apóstrofe (usada para representar a oclusão glotal), uso de consoantes não explodidas no final de verbos;
- dominar a organização de um texto em frases, usando parágrafos e ponto final;
- ler e compreender textos e histórias;
- ouvir, desenhar e reproduzir escrita e oralmente histórias;
- descrever escrita e oralmente ilustrações, fotos e gravuras.

Em Matemática:

- dominar os princípios presentes no sistema de numeração decimal: utilização apenas de 10 símbolos, agrupamentos de dez em dez, troca de dez por um, valor posicional;

- ler e representar simbolicamente números naturais;
- selecionar a operação pertinente a uma determinada situação-problema;
- realizar cálculos numéricos com números naturais:
 - a) através da utilização de uma técnica operatória quando se tratar de adicionar dois números quaisquer;
 - b) não necessariamente através da utilização de uma técnica operatória quando se tratar de subtração, da multiplicação por um número menor que dez e da divisão de dois números em que o segundo é diferente de zero e menor que dez;
- reconhecer e organizar formas.

3.8.2 - Segundo Ciclo

As atividades desenvolvidas no 2º ciclo têm por meta oferecer à criança condições para:

- a reflexão sobre a Língua Materna;
- a aquisição da leitura e da escrita em Língua Portuguesa;
- o desenvolvimento da expressão oral em Língua Portuguesa;
- a produção de textos nas duas línguas;
- o reconhecimento das diferenças sociais e culturais de seu ambiente com outros ambientes;
- a sistematização do saber local já existente, incorporado a estes outros conhecimentos inclusive o saber institucional.

3.8.2.2 - A Avaliação da Aprendizagem no 2º Ciclo

Será considerado concluinte do 2º ciclo, o aluno que:

Em Língua Tapirapé e em Língua Portuguesa:

- redigir sobre temas específicos e variados;
- compor, ilustrar e organizar de forma sequenciada histórias sobre temas diversificados;

- relatar de forma oral e escrita viagens, atividades realizadas fora da aldeia, etc;
- ler com compreensão textos de jornais, revistas, etc., salvo quando houver palavras não pertencentes ao vocabulário dominado pelos alunos;
- recriar histórias ouvidas ou lidas;
- traduzir pequenos textos da Língua Tapirapé para a Língua Portuguesa e vice-versa;
- dominar a organização de um texto, usando a pontuação adequada;
- refletir de forma comparativa sobre a estrutura das duas línguas.

Em Ciências Naturais e Programas de Saúde:

- fazer o uso do referencial Tapirapé sobre tempo e espaço, comparando-o com o do "tori";
- acrescentar o referencial "tori" sobre tempo e espaço ao seu próprio e fazer uso dele;
- pesquisar, observar, registrar e analisar os fenômenos cíclicos e esporádicos do meio ambiente;
- interligar esses fenômenos entre si;
- sistematizar esses dados coletados, construindo um calendário a partir dos marcadores de tempo;
- observar, comparar e analisar os fenômenos ocorridos com o próprio corpo;
- desenvolver cuidados com o próprio corpo no esforço de prevenção da saúde;
- pesquisar e comparar dados da anatomia Tapirapé com a anatomia institucional.

Em História e Geografia:

- situar-se em relação ao atual território Tapirapé;
- conhecer a história da luta para a preservação deste território;

- comparar a vida atual dos Tapirapó hoje, dentro da situação de contacto com a vida tradicional;
- pesquisar, conhecer e analisar o território tradicional;
- situar-se em relação à região: Ilha do Bananal, Rio Araguaia, etc.;
- conhecer e analisar outros povos indígenas do Brasil;
- conhecer o histórico da ocupação territorial no Brasil;
- conhecer e analisar a sociedade brasileira hoje;
- conhecer e analisar a situação atual dos povos indígenas.

Em Matemática:

- realizar cálculos numéricos através de uma técnica operatória quando se tratar de adição, multiplicação, subtração e divisão de números naturais;
- relacionar a situação em que se pode subdividir a unidade com o número racional;
- reconhecer e representar concretamente os números racionais na forma fracionária: $\frac{1}{2}, \frac{1}{3}, \frac{1}{4}, \frac{1}{5}, \frac{1}{10}$;
- relacionar um número racional na forma fracionária com sua representação decimal:

$\frac{1}{10}$ com 0,1

10

$\frac{1}{2}$ com 0,5

$\frac{1}{4}$ com 0,25

$\frac{1}{5}$ com 0,2

- realizar cálculos numéricos através da utilização de uma técnica operatória quando se tratar da adição e subtração de números decimais, da multiplicação de um decimal por um número natural e da divisão de um decimal por um número natural;
- relacionar 100% com 1 e 1% com 0,01;
- relacionar as unidades de medida utilizadas em seu cotidiano com as unidades de medida do sistema métrico decimal;
- calcular a área e o perímetro de retângulos e triângulos.

4. CITAÇÕES E FONTES DE CONSULTA

1 - WAGLEY, Charles

1977 - Wellcome of Tears, The Tapirapó Indians of Central Brazil - Oxford University Press. Capítulo II.

2 - BALDUS, Herbert

1970 - Tapirapé, Tribo Tupi no Brasil Central. Capítulo III. Companhia Editora Nacional - São Paulo.

3 - OLIVEIRA, Roberto Cardoso de

1959 - A situação atual dos Tapirapé.

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, NS Antropologia nº 3 - Belém do Pará.

4 - Comissão Pró-Índio SP

1981 - A Questão da Educação Indígena. relatório: A Escola Tapirapé - Paulo, Luiz Gouveia de - Paula, Eunice Dias de.

Editora Brasiliense - SP.

5 - Plano de Educação - Mato Grosso

1980 - 1984 páginas 44-45.

6 - Resolução Final da Conferência Internacional de Organismos Não-Governamentais das Nações Unidas sobre a Discriminação dos Povos Indígenas nas Américas.

1977 - Genebra.

7 - Simpósio sobre a "Fricção Inter-Etnica na América do Sul"

1971 - Declaração de Barbados.

8 - UNESCO - Emprego das Línguas Vernáculas no Ensino.

1954 - páginas 75-76.

9 - MELIÀ, Bartolomeu

1979 - Educação Indígena e Alfabetização.

Edições Loyola - SP.

ALMEIDA, Antonio; PAIVA, Luiz Gouvêa de, - Irmãzinhas de Jesus.

1983 - A Língua Tapirapé
Biblioteca Reprográfica Xerox.

10.8 - LEITE, Yonne de Freitas

1977 - Aspectos de Fonologia e Morfologia Tapirapé
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional
Linguística 9 - Rio de Janeiro.

11 - MELIÀ, Bartolomeu - op citado.

12 - SCHADEN, Egon

1976 - Educação Indígena - in Problemas Brasileiros,
Ano XIV, nº 152 - São Paulo.

13 - FERNANDES, Florestan

1975 - Investigação etnológica no Brasil e outros
ensaios.


Petrópolis.


ANEXO 1

MAPA COM O TERRITÓRIO TRADICIONAL TAPIRAPÉ E O

TERRITÓRIO ATUALMENTE OCUPADO

MAPA DO TERRITÓRIO TRADICIONAL E DO TERRITÓRIO ATUAL

 território tradicional Tapirapé
área aproximada=1.441.162,300 ha

 território atual Tapirapé
área = 66.166,305 ha

escala - 1 : 902.000

RELAÇÃO ENTRE A ÁREA TRADICIONAL E A ÁREA ATUAL

$$\frac{66.166,305}{1.441.162,300} = 0,045$$

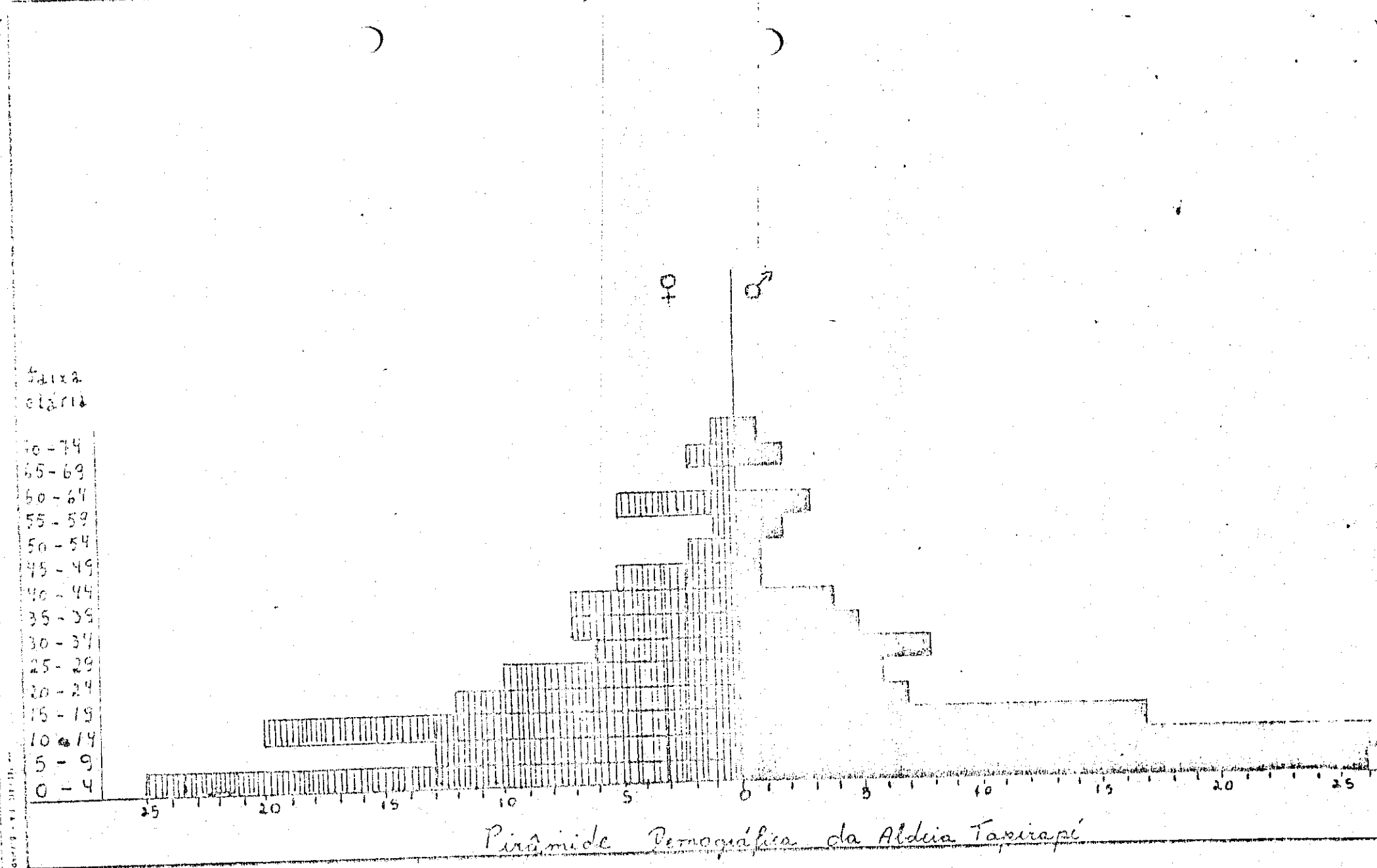
A área atual corresponde a 4,5% da área tradicional

RADAM

ANEXO II

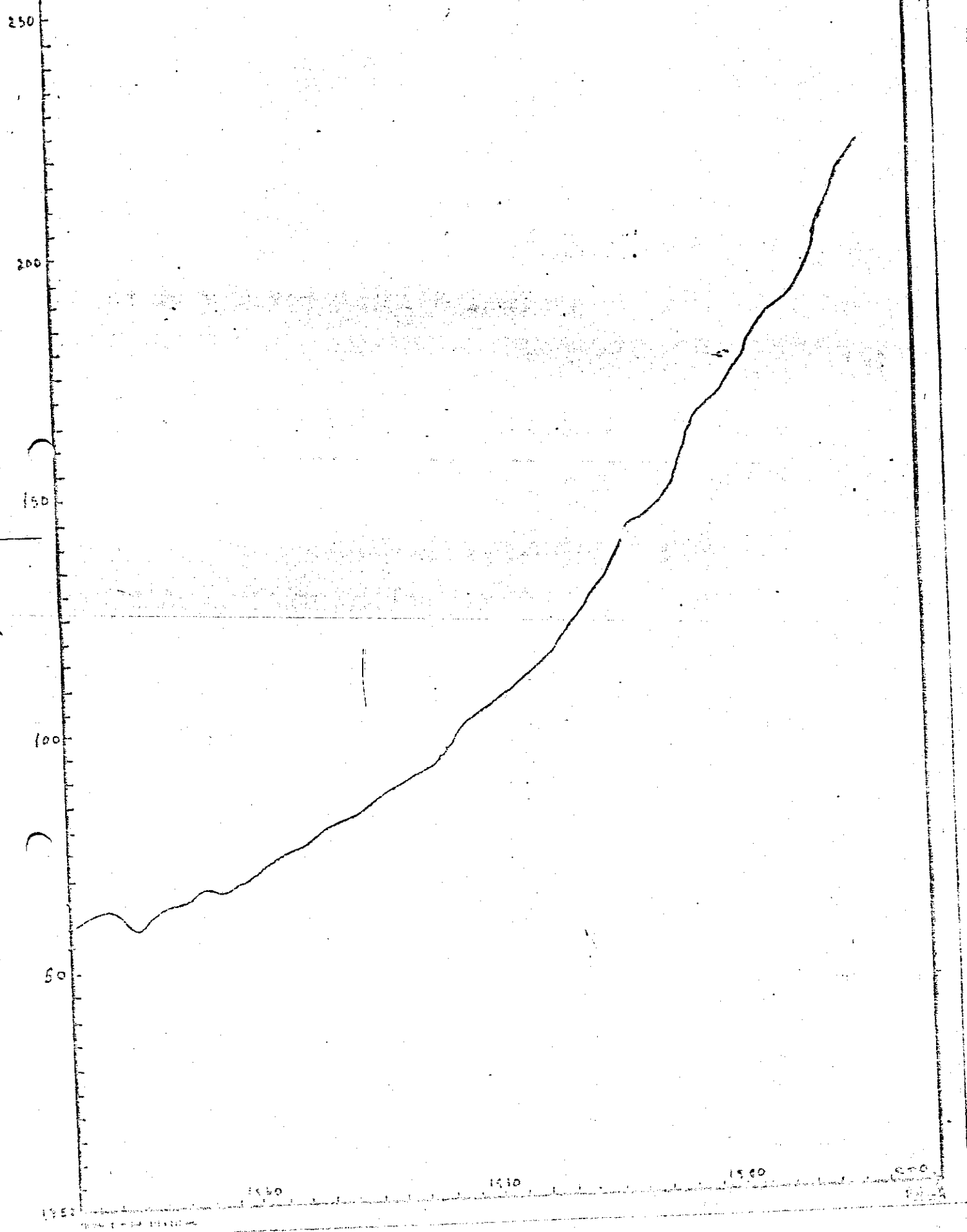
PIRÂMIDE DEMOGRÁFICA TAPIRAPÉ

MODELO DE PREVISÃO DO CRESCIMENTO POPULACIONAL



Pyramide Demografica da Aldeia Taxirapi

Crescimento Populacional da Aldeia Tapirapé 1952 a 1986



MODELO DE PREVISÃO DO CRESCIMENTO POPULACIONAL TAPIRAPÉ

$$N = N_0 e^{(\lambda - \mu) t}$$

- N - tamanho da população
- N_0 - tamanho da população quando $t=0$
- λ - taxa específica de nascimentos
- μ - taxa específica de mortes
- t - tempo

Cálculo de $\lambda - \mu$

- $N = 220$ (tamanho da população em 1986)
- $N_0 = 142$ (tamanho da população em 1976)
- $t = 10$

$$220 = 142 e^{(\lambda - \mu) t}$$

$$\ln 220 = \ln 142 e^{(\lambda - \mu) \cdot 10} = \ln 142 + 10 (\lambda - \mu) \ln e$$

$$\lambda - \mu = \frac{\ln 220 - \ln 142}{10} = 0,044$$

PREVISÃO DO CRESCIMENTO POPULACIONAL NOS PRÓXIMOS 20 ANOS

ANO	POPULAÇÃO	ANO	POPULAÇÃO
1987	230	1997	355
1988	240	1998	371
1989	251	1999	387
1990	262	2000	404
1991	274	2001	422
1992	286	2002	441
1993	299	2003	461
1994	312	2004	482
1995	326	2005	503
1996	340	2006	525

ANEXO III

FICHA DE MATRÍCULA